



O COVEIRO

Já era madrugada quando a porta da lanchonete se abriu e deixou entrar um vento gélido. Junto entrou um vulto preto com capuz cobrindo todo seu rosto, era alto e forte, mas não sei exatamente o que era. Carregava uma foice em sua mão direita e veio em minha direção.

Um ano antes, meu pai, meu avô e eu estávamos no parque da cidade de Nova York. O passeio estava muito agradável, havia muitas árvores e muita gente andando com seus filhos e netos também. Falávamos sobre beisebol, quando meu avô, olhando pro nada, começou a gritar:

— NÃO, EU NÃO!!!

Caiu no chão sem demonstrar dores e, assim que se levantou, falamos com ele, mas não respondia. Não respondeu porque não se lembrava de seu nome, nem quem eram seus filhos e netos.

Nós o levamos a médicos de todas as partes do país, porém ninguém sabia explicar o que havia ocorrido. Depois de viajar o mundo inteiro indo a vários especialistas em comportamento humano, decidimos ir a um oráculo, mesmo sem termos essa crença, pois não acreditávamos muito em coisas paranormais. Mas, vendo a situação, decidimos ir. Não tínhamos muitas escolhas.

Entramos numa cabana no meio de um parque de Chicago. Era escura, a não ser pelos pequenos filetes de luz que entravam pelo vão da porta. Estava quente lá dentro, olhávamos uns potes que pareciam ter algum tipo de olho dentro, quando, da parte mais escura da cabana, surgiu uma silhueta de uma senhora. Parecia muito velha, estava sentada numa cadeira atrás de algo que lembrava uma mesa. Ela perguntou:

— O que posso fazer pelos três rapazes?

Então tomei a frente e comecei a contar todos os fatos que haviam acontecido com meu avô. Falei que ele já vinha agindo diferente, um pouco mais cuidadoso como se alguém estivesse sempre a sua espreita, mas ele não falava o porquê de andar desse jeito...

Depois de analisar toda a situação, a velha senhora olhou para o meu avô e falou que isso podia ser algum espírito de um antigo inimigo da família que desejava acabar com a vida dele. Algum tipo de vingança em que só interessava se apoderar da sua alma e mantê-lo preso em seu próprio corpo.

Fiquei pensando a respeito e, quando me dei conta, estava no meio do Central Park com meu pai e meu avô. A senhora e a cabana haviam desaparecido completamente.

Seis meses depois, misteriosamente, a mesma coisa ocorreu com meu pai, porém estávamos em casa, assim que começou a gritar dizendo que tinha a lâmina de uma foice enfiada na barriga, mas eu não via nada. De repente ele parou, não se movia, não piscava, falei com ele, mas não se lembrava de nada.

Hoje à tarde, uns amigos me ligaram para sairmos à noite. Fomos a um barzinho e nos divertimos bastante. Já de madrugada, fomos comer um sanduíche do outro lado da rua.

A porta da lanchonete se abriu e deixou entrar um vento gélido. Junto entrou um vulto preto com capuz cobrindo todo seu rosto, era alto e forte, mas não sei exatamente o que era. Carregava uma foice em sua mão direita e veio em minha direção. Olhei para meus amigos, mas eles não viam nada. Comecei a correr, mas o vulto estava cada vez mais perto e, finalmente, desferiu o golpe. Desde então, não sinto mais emoções e tenho um grande vazio em minha memória que, vez ou outra, traz uns flashbacks macabros com calafrios medonhos.

Guilherme Peinador Gomes
9º do Fundamental – Balneário
2012